

## O RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE NEGRA EM A *COR DA TERNURA*

Luciani Capelin<sup>1</sup>  
Rosângela Aparecida Marquezi<sup>2</sup>

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa que se propôs a analisar a obra *A cor da ternura*, de Geni Guimarães, com o intuito de compreender o processo de reconhecimento da identidade negra em crianças e adolescentes, verificando como obras literárias infantojuvenis podem favorecer ou não a construção e reconhecimento desta identidade. Para se alcançar os resultados esperados, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, tomando como ponto de partida textos que discutem a questão da identidade, para o levantamento de conceitos e outros elementos discursivos, sendo que os principais autores que embasam este estudo, dentre outros, são: Arboleya (2009), Hall (2011), Lima (2009), Silva (2009) e Woodward (2009). A escolha do livro *A cor da ternura* se deu porque ele apresenta questões de racismo e preconceito, e, principalmente, uma nova visão da personagem negra. Durante a análise foi possível, ainda, verificar que as questões de identidade cultural sofrem mudanças ao longo da vida, ou seja, as identidades não estão prontas e acabadas, por isso a importância de se discutilas.

**Palavras-chave:** *A cor da ternura*. Construção da Identidade. Preconceito.

### LITERATURA E IDENTIDADE

Compreendendo a literatura como um campo ideológico, em que são expressas as formas de percepção do mundo, e concebendo-a como uma produção social emergente em uma determinada condição histórica, o presente trabalho consiste em uma pesquisa sobre o reconhecimento da identidade negra e como uma obra literária pode influenciar na aceitação desta identidade.

Para início da análise a que se propõe este artigo, é importante ressaltar que as discussões acerca do tema tomaram corpo a partir da promulgação, em 2003, da Lei 10.639, que estabeleceu o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira nos sistemas de ensino, e que tem por objetivo reconhecer a sua importância e combater o preconceito e o racismo (BRASIL, 2003). O reconhecimento dessa Lei, que é fruto da luta de diversos setores da sociedade, em especial dos grupos ligados ao Movimento Negro, foi fundamental para que os estabelecimentos escolares incluíssem em seus currículos a discussão da temática do negro e, em especial, tornar obrigatória a inclusão da literatura afro-brasileira. Hoje, a Lei que está

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda, nível *Lato sensu*, em Letras – Linguagem e Sociedades: olhares transversais, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Pato Branco. Endereço eletrônico: <lu\_capelin@hotmail.com>.

<sup>2</sup> Mestre em Educação. Docente na Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Pato Branco, no Departamento Acadêmico de Letras. Endereço eletrônico: <marquezi@utfpr.edu.br>.

em vigor, e que alterou a 10.639, é a n.º 11.645/08, que incluiu a obrigatoriedade da História e cultura indígena (BRASIL, 2008).

Além da importância dessa Lei, deve-se entender que esse processo de mudança que a construção da identidade vem sofrendo, nem sempre é um caminho tranquilo. Apesar das frequentes discussões e constatações sobre a desvalorização do negro, grande parte dos afrodescendentes sofrem devido à pigmentação de sua pele, precisando enfrentar, desde sua infância até a vida adulta, o preconceito e a discriminação racial, e a escola, infelizmente, é um dos lugares onde eles frequentemente constatam isso, e, muitas vezes, na própria leitura de obras infantis.

Segundo Arboleya (2009), a literatura infantil apresenta, em sua origem, como personagem principal o branco, idealizando o seu estereótipo de beleza e poder. Os personagens não brancos quase não se fazem presentes nas obras e, quando aparecem, são colocados em segundo plano, submissos, inferiores e sem voz ativa. A grande maioria das obras infantis apresenta a “[...] construção de estereótipos em relação à representatividade social e cultural e à construção da identidade étnica” (ARBOLEYA, 2009, p. 4).

Tentando romper com esses estereótipos, atualmente, a literatura infantil brasileira tem procurado repensar o papel do negro nas produções nacionais. Diversas obras lançadas, especialmente a partir da Lei 10.639, têm buscado colocar a personagem negra em papéis de destaque, valorizando suas tradições, reforçando a luta contra o preconceito e colocando-as a representar papéis e funções sociais diferentes dos tradicionais, que as relegavam ao plano servil e inferior. Tais obras podem auxiliar o desenvolvimento humano, a formação da personalidade, a construção da inteligência e a aprendizagem, favorecendo a valorização da cultura brasileira.

Segundo Hall (2011), a questão da identidade vem sendo vastamente discutida na teoria social, mostrando que velhas concepções acerca do tema estão em declínio e novas vêm surgindo, dividindo o sujeito moderno. Pode-se dizer que a construção da identidade elaborase mediante as subjetividades das pessoas e do contexto social, as quais estão sujeitas às mudanças sociais.

Hall (2011) apresenta três concepções de identidade: a) a iluminista, em qual o sujeito é centrado e unificado, permanecendo essencialmente o mesmo (contínuo e idêntico), uma concepção individualista; b) a do sujeito sociológico, aquele em quais as pessoas importantes para si fazem parte da sua formação, pessoas que medeiam os valores e símbolos, ou seja, a

identidade é formada na interação do eu e a sociedade; c) e a concepção do sujeito pós-moderno, em que surge o conceito de um sujeito que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. Apesar dessas diferentes concepções, Hall (2011, p. 13) afirma que “[...] o sujeito assume identidade diferente em diferentes momentos. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.” Assim, pode-se dizer que a formação da identidade faz parte de um processo entre o eu e o mundo em qual o sujeito pode assumir um comportamento diferente de acordo ao que está ao seu alcance. Essa formação não obedece a um modelo fixo, é um caminho inacabado e renovável.

Para Woodward (2009, p. 11), “[...] uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos”, nos quais o ser vai buscar a sua identidade no passado, uma construção de identidade referindo-se a algo ou alguém que já não existe mais ou foi fonte de referência em um determinado momento.

Essas considerações levam à reflexão de que o sujeito negro pode ter diferentes identidades em diferentes momentos, e que, ao assumir a sua identidade, liberta-se de si mesmo e desprende-se de tudo o que o torna submisso ao branco, abrindo novos caminhos e levando-o à conquista de outros espaços.

### *A COR DA TERNURA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE*

Considerando-se que a construção de identidade se estabelece na interação social e cultural, no sentido do eu relacionado com a forma como os outros nos veem e, também no encontro com o nosso passado, ao se analisar o livro *A cor da ternura* (1989)<sup>3</sup>, de Geni Guimarães, é possível verificar em alguns excertos a discriminação racial fortemente presente na vida das pessoas negras, problema que também é enfrentado pela protagonista da história, que também se chama Geni<sup>4</sup>, tal qual a autora o livro.

No que se refere à autora, importante destacar um pouco sobre a sua trajetória, até para se poder compreender melhor a sua obra. A autora nasceu Geni Mariano Guimarães, em 1947, de origem negra e pobre. Desde sua infância apreciava poemas e histórias, o que ajudou a desenvolver o seu hábito de leitura. Ainda na adolescência, iniciou a carreira literária publicando contos, poemas e crônicas no Debate Regional e no Jornal da Barra.

---

<sup>3</sup> O livro foi publicado pela primeira vez em 1989, e recebeu o Prêmio Jabuti/autor revelação em 1990 e Menção Especial-UBE/RJ em 1991. A edição utilizada para análise, nesta pesquisa, é a 12.<sup>a</sup> e foi publicada em 1998, pela FTD Editora.

<sup>4</sup> Para não ocorrer confusão entre o nome da personagem e o da autora, sempre que for referido apenas Geni, está-se referindo à protagonista do livro. Para falar da autora, utiliza-se Guimarães ou Geni Guimarães.

Tornou-se professora, poeta e ficcionista, e, em 1979, publicou o seu primeiro livro de poemas, contendo uma poesia de meninice e adolescência, intitulado *Terceiro filho*. Segundo Lima (2009, p. 64), a estreia de Geni Guimarães no mundo da publicação foi com esse livro, pois essa obra lhe atribuiu muitas críticas de intelectuais negros e o contato com outros escritores afrodescendentes. Participou de várias antologias e eventos culturais, dentre os quais a antologia *Schwarze Poesie, Edition Diá*, Alemanha Ocidental, e IV Bienal Nestlé de Literatura. A IV Bienal Nestlé de Literatura, em 1988, foi dedicada ao Centenário da Abolição e, nesse mesmo ano a Fundação Nestlé publica seu volume de contos *Leite do peito*. Em 1989, a autora publicou a novela *A cor da ternura*, obra escolhida para estudo neste trabalho.

Geni Guimarães apresenta em suas obras uma temática negra, com o objetivo da valorização da cultura afrodescendente. O conjunto de sua obra é composto de poesias, contos e literatura infantojuvenil. Segundo Lima (2009, p. 65), a autora é contra a ideia de que sua produção literária seja destinada apenas ao público infantojuvenil, pois espera que seja lida por todos os públicos.

O livro *A cor da ternura* apresenta um conflito vivido por uma menina negra, pobre, que enfrenta dúvidas, incertezas e o preconceito de outras crianças na comunidade onde vive e na escola, e que, no decorrer do enredo, constrói sua identidade a partir de experiências vividas desde sua infância até a fase adulta. Para a análise, foi utilizada a décima segunda edição do livro, publicado pela editora FTD no ano de 1998, em São Paulo. O livro tem 10 capítulos, distribuídos em 93 páginas, com ilustrações de Saritah Barboza.

Guimarães (1998) apresenta no livro as dificuldades enfrentadas por afrodescendentes, referente ao racismo e ao preconceito, mas também uma nova visão da personagem negra, ou seja, uma imagem positiva, ao mostrar, por exemplo, a idealização da mãe pela menina, o respeito, o amor mútuo, como se observa no excerto a seguir.

Ela era linda. Nunca me cansei de olhá-la. O dia todo arrastava os chinelos pela casa. Ia e vinha [...] Quando me pegava no flagra, bebendo seus gestos, esboçava um riso calmo, curto [...] Revivia o riso dela mil vezes e à noite deitava-me mais cedo para pensar no doce cheiro de terra e mãe. (GUIMARÃES, 1998, p. 13).

Esse olhar positivo é muito diferente do que comumente se encontra em obras dessa temática e que mostram o negro como um ser inferior, e até mesmo submisso àqueles que se consideram brancos e possuem o poder.

Em outro momento do livro, é possível verificar as dúvidas, as incertezas enfrentadas pela protagonista: “Saudades dos meus detalhes perdidos. Do meu colo, da minha comida servida na boca. [...]” (GUIMARÃES, 1998, p. 24). Segundo Woodward (2009), a construção da identidade também pode estar relacionada com o passado, e nesse excerto Geni demonstra a saudade de algo que, para ela, era a forma natural da sua vida. Essas mudanças fazem com que a menina entre em conflito consigo mesma em relação à visão dos outros sobre ela.

O livro retrata, também, suas experiências ao chegar à escola, quando a descoberta de sua cor vai se tornando mais evidente nos seus primeiros anos escolares, e com esta todo o racismo e o preconceito que existem na sociedade.

[...] Dona Odete, com as costas da mão, limpava a lambuzeira, que eu, inadvertidamente, havia deixado em seu rosto. [...] (GUIMARÃES, 1998, p. 55).

[...] – Não tenho nada com isso, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo, estudar filho é besteira. [...] (GUIMARÃES, 1998, p. 73).

A partir desses excertos, pode se dizer que a autora apresenta a questão da resistência e da construção de identidade, gerando reflexões sobre questões étnicas. Segundo Woodward (2009), a identidade está vinculada às relações de poder e saber, nas quais, muitas vezes, a identidade étnica não é entendida como essencial, e a criança passa por diversas mudanças de personalidade, pois vai formando seus conceitos e concepções positivas e negativas no âmbito social em que vive.

A escola é um dos ambientes sociais em que a criança permanece durante um bom período, assim ela apresenta um papel fundamental sobre a formação da identidade, pois nessa fase presencia e desenvolve diversas trocas de experiências. Sabe-se que o silêncio da escola em relação ao racismo e preconceito colabora para que as crianças tenham uma percepção de si e dos outros totalmente distorcida. A falta de posicionamento do professor faz com que as crianças brancas se sintam superiores às negras, e estas, por sua vez, se sintam inferiores.

[...] quantas vezes deviam ter rido de mim, depois das minhas tontices, em inventar cantigas de roda... Vinha mesmo era de uma raça medrosa, sem histórias de heroísmo. Morriam feito cães... Justo era mesmo homenagear Caxias, Tiradentes e todos os Dom Pedro da História. Lógico. Eles lutavam, defendiam-se e ao seu país. Os idiotas dos negros, nada. (GUIMARÃES, 1998, p. 67).

Esse excerto demonstra, também, a dúvida, a identidade em questão, ou seja, a menina passa a ter uma visão do negro de forma diferente daquela que ela mantinha até então, devido a condições sociais, e que eram referentes à visão da professora e dos demais colegas brancos.

Apesar da valorização do personagem negro na obra, o preconceito racial é muito bem apresentado pela autora, como acontece em momentos que a menina está em meio a outras crianças.

[...] Boneca de piche, cabelo de bom-bril eram ofensas de rotina. (GUIMARÃES, 1998, p. 46).

E se, no caminho, o Flávio me xingar de negrinha? – não quero saber de encrenca, pelo amor de Deus! Você pega e faz de conta que não escutou nada. (GUIMARÃES, 1998, p. 47).

Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo! (GUIMARÃES, 1998, p. 65).

Ao longo da narrativa, torna-se mais evidente, para a protagonista, a diferença dela em relação a outras crianças, no que se refere à cor, ao se deparar, principalmente, com acontecimentos de discriminação racial, quando começa ir à escola, e também nas recomendações da mãe, tentando evitar certas humilhações, ou situações constrangedoras.

[...] Pelo amor de Deus, não vai esquecer o nariz escorrendo. Lava o olho antes de sair.

— Se a gente for de qualquer jeito, a professora faz o quê? – perguntei.

— Põe de castigo em cima de dois grãos de milho – respondeu-me ela.

— Mas a Janete do seu Cardoso vai de ramela no olho e até muco no nariz e...

— Mas a Janete é branca – respondeu minha mãe, antes que eu completasse a frase. (GUIMARÃES, 1998, p. 48).

No excerto acima, a personagem protagonista percebe que essa diferença remete à sua raça. Para Silva (2009), a identidade e a diferença simplesmente existem e são concebidas como algo que remete a si próprio e, ainda, que a diferença é marcada por representações simbólicas. São essas marcas que desenvolvem significados às relações pessoais.

Segundo Hall (2011), o sujeito, ao longo de sua trajetória, se fragmenta e pode compor-se não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Isso pode ser observado no livro analisado, no capítulo intitulado *Metamorfose*, quando há um momento em que a protagonista passa por um processo de autonegação, apresentando, mais uma vez, dúvidas e incertezas sobre si, uma identidade não resolvida.

Assim que terminou a arrumação, ela voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele. Daí, então, passei o dedo sobre o sangue vermelho, grosso, quente e com ele comecei a escrever pornografias no muro do tanque d'água. (GUIMARÃES, 1998, p. 69).

Segundo Woodward (2009), os termos identidade e subjetividade são utilizados de forma correlativa, ou seja, a subjetividade sugere a compreensão que se tem sobre o próprio eu, envolvendo sentimentos e pensamentos mais pessoais. Já a identidade é processo formado em um determinado contexto social vivenciado por nós, no qual a linguagem e a cultura são significativas. No excerto acima, constata-se uma baixa estima da personagem protagonista, uma falta de confiança em si, sentimentos negativos referentes à aceitação da pigmentação da sua pele, e que, segundo Woodward (2009), são os sentimentos envolvidos no processo de produção da identidade. E é nesta fase de consciência de si e da sua cor que a personagem começa a construção da sua identidade. Percebe-se que Guimarães aborda em toda a obra a questão da resistência e da construção da identidade, proporcionando reflexões sobre as questões étnicas.

Na sequência da narrativa, é possível observar os profundos sentimentos de Geni, na busca de uma compreensão sobre si mesma. Sobre isso, Woodward (2009) observa que a postura que o ser humano assume, e com a qual se identifica, constitui a sua identidade, referente ao discurso que se posiciona a si próprio.

Dentro de uma semana, na perna só uns riscos denunciavam a violência contra mim, de mim mesma. Só ficaram as chagas da alma esperando o remédio do tempo e a justiça dos homens. (GUIMARÃES, 1998, p. 69).

No excerto acima, depreende-se muito mais que sentimentos de dor pela violência cometida pela personagem contra si mesma, pois ficam evidentes os sentimentos de dor e aflição provocados pelo racismo e preconceito presentes na sua trajetória. Também, sentimentos de mágoa, referentes a si mesma e a sua raça, como se percebe no excerto: “Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo!” (GUIMARÃES, 1998, p. 65).

Por outro lado, ao trazer a presença do pai como alguém trabalhador, atencioso e preocupado com a família, “[...] colocou o machado no ombro e saiu assobiando.” (GUIMARÃES, 1998, p. 26), ou seja, de forma positiva, a autora faz com que a identidade afrodescendente seja observada positivamente, valorizando-se a cultura negra e mostrando respeito às raízes ancestrais.

Meu pai chegou do trabalho na lavoura, tirou do ombro o bernal com a garrafa de café vazia e sentou-se num degrau da escada da porta da cozinha [...] Trouxe-lhe, e, ao desembrulhar o fumo, ele deu com a cara do Pelé sorrindo no jornal [...] Este sim teve sorte. Lê aí pra mim, filha [...] Peguei o jornal e comecei a ler o comentário, que contava suas façanhas esportivas e dava algumas informações sobre a vida fantástica do jogador. [...] olhava no rosto do meu pai e ele soltava ameaças de risos. (GUIMARÃES, 1998, p. 70).

O pai aparece na obra como o alicerce da protagonista, pois, após perceber que ele desejava estudar os filhos, “[...] se apenas a gente pudesse estudar os filhos...” (GUIMARÃES, 1998, p. 72), Geni começa a definir a sua identidade, buscando realizar o desejo do pai, vencendo o preconceito da sociedade.

Pode-se afirmar que *A cor da ternura* apresenta uma família unida, em que o apoio para a formação da identidade da personagem é de extrema importância, pois foi com esse apoio que Geni torna-se mulher e, com muito esforço, vai à luta. O excerto a seguir deixa visível a autoestima e aceitação da personagem, num constante processo de vir a ser.

Mulher, terminando o ginásio.  
Mulher, cursando o normal, a caminho do professorado, cumprindo o prometido.  
Mulher, se fazendo, sob imposições, buscando forças para ser forte.  
Mulher, cuidando da fala, misturando palavras, pronúncias suburbanas aos mil modos de sinônimos rolantes no tagarelar social requintado.  
Mulher, jogando cintura, diante das coações e preconceitos.  
Mulher, contudo e apesar, a um passo do tesouro: o cartucho de papel.  
(GUIMARÃES, 1998 p. 81).

A narradora-protagonista é autoconfiante e demonstra uma enorme garra para ultrapassar as dificuldades, vencendo o preconceito da sociedade, na busca de definir a sua identidade. Geni torna-se mulher e vai à luta.

Também se torna evidente no texto a presença das marcas de uma sociedade patriarcal, em que os brancos eram tidos como superiores. No capítulo sobre a colação de grau da protagonista, percebe-se que há uma organização de toda a família para se vestir convenientemente, de acordo com os padrões de etiqueta dessa mesma sociedade.

[...] concordamos no seguinte: só compraríamos tudo novo para mim. Os outros só compraríamos aquilo que não tivessem mesmo, de jeito nenhum. Portanto. Compramos roupa para um, sapato para outro e assim por diante. (GUIMARÃES, 1998, p. 82).

No decorrer da narrativa, outro excerto interessante é o que deixa evidente a preocupação do pai em não submeter Geni a humilhações, preocupado com o que os amigos



de sua filha pensariam dela: “[...] Imagine só... Esquecer de usar meias. Já pensou se um dos seus amigos visse? Deus me livre de te envergonhar!” (GUIMARÃES, 1998, p. 85), ressaltando a submissão do negro ao branco. A partir desse excerto, pode-se pensar que, por mais que a autora procure apresentar uma visão mais positiva do negro, não o consegue de todo, mantendo-se presa, em alguns momentos, à própria realidade.

Observa-se, ainda, no desenvolver da história, que mesmo com um diploma nas mãos, os problemas enfrentados pela protagonista não se encerraram. Ela precisa, também, vencer o preconceito na fase adulta, quando, na busca de um emprego, sente na pele a não aceitação por parte da direção das escolas e demais profissionais da área, que a julgavam incapaz devido a sua cor.

No pátio do estabelecimento, tentando engolir o coração para fazê-lo voltar ao peito, suporrei o olhar duvidoso da diretora e das mães, que, incrédulas, cochichavam e me despiam em intenções veladas. Só faltaram pedir-me o certificado de conclusão “para simples conferência”. (GUIMARÃES, 1998, p. 87).

Conquistado o emprego, o enfrentamento agora se dá em sala de aula, quando, logo nos primeiros dias, uma de suas alunas (criança) para na porta da sala, não querendo entrar, e se põe a chorar dizendo: “[...] Eu tenho medo de professora preta – disse-me ela, simples e puramente.” (GUIMARÃES, 1998, p. 87). É todo um trabalho agora, novamente, que a protagonista tem que realizar para a sua aceitação.

E esse trabalho de autoaceitação é observado ao longo de todo o livro, pois se percebe a constante luta da protagonista, Geni, passando por diversas fases: as dúvidas e incertezas, início de uma formação de identidade, período de não aceitação de si própria e o preconceito na sociedade. Todas essas fases foram fundamentais para a formação/construção da sua identidade, com bem define Hall (2011, p. 108):

[...] as identidades nunca são unificadas; que são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas nunca são singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que se cruzam e até podem ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicidade radical, constantemente em processo de mudança e transformação.

Pode-se afirmar, também, que Geni Guimarães apresenta, em *A cor da ternura*, de certa forma poética, um aspecto inovador no trato da personagem negra, pois esta vai, no decorrer da narrativa, construindo sua própria identidade, apesar das dificuldades e do preconceito presente na sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se que a leitura é de extrema importância para a formação de uma sociedade crítica e pensante e que a fase mais importante para o desenvolvimento do gosto em ler é a infância, pode-se afirmar que a literatura infantojuvenil precisa ser mais valorizada. No decorrer desta pesquisa, foi possível observar que essa literatura já passou por diversas barreiras e sofreu mudanças favoráveis, podendo citar a mudança na preocupação dos autores em agradar o público leitor: não mais apenas textos pedagógicos, moralizantes, mas também estéticos e qualidades literárias que toda a boa literatura exige.

No que se refere à literatura afro-brasileira, que possui uma história mais recente, isso é mais difícil ainda de se conseguir, até porque, inicialmente, as personagens negras quase não apareciam nas obras literárias e, quando se faziam presentes, eram apresentadas de forma secundária ou pejorativa. Em virtude disso, há uma necessidade maior ainda, em relação a essa literatura, de se lhe dar o devido valor e reconhecimento no meio literário, devendo receber mais atenção por parte de estudiosos da área. Afinal, o Brasil, apesar de se apresentar como um país de todas as cores, ainda é um lugar onde o preconceito e a discriminação racial estão vivos e atuantes.

Em vista disso, a análise deste trabalho buscou compreender a formação da identidade negra em crianças e adolescentes e como os fatores culturais e sociais podem influenciar em tal processo. Assim, verificou-se que a personagem negra na literatura infantojuvenil constrói sua identidade no decorrer de sua trajetória de vida. Nesse contexto, a protagonista da obra *A cor da ternura* apresenta, de um lado, atitudes de submissão a uma sociedade dita como superior, branca, e de outro, características positivas de aceitação e orgulho de sua cor e pertencimento.

O livro *A cor da ternura* é destinado ao público infantojuvenil, mas também aconselhável a adultos, pois nele se observa, como afirmado no parágrafo anterior, uma visão positiva das pessoas negras, dos que enfrentam o preconceito e o racismo, não se deixando massacrar, mas assumindo seu lugar na sociedade, com dignidade e respeito. A protagonista é um exemplo de que as pessoas negras podem e, principalmente, devem vencer barreiras, e que, apesar das dúvidas e incertezas durante todo o processo de formação da identidade, superam o preconceito e o racismo presentes na sociedade.

Observou-se, também, em várias passagens do livro, que a identidade não se constrói em um único momento, pois ela passa por fases, que vão desde a separação da criança da mãe, e que percorrem toda a vida do ser humano, ou seja, a identidade não é única, ela é fragmentada, e está sempre em construção. O livro mostra bem isso, pois a partir do momento em que a protagonista, negra, aceita a sua cor, o seu corpo, ela passa a ser autônoma e consciente da realidade que a cerca, impondo/conquistando a sua liberdade.

Por fim, pode-se afirmar que a forma positiva com que as personagens são apresentadas na obra *A cor da ternura* faz com que a identidade afrodescendente seja observada positivamente, valorizando-se a cultura negra e o respeito às raízes ancestrais. E acredita-se que livros infantojuvenis, com essa temática, possam auxiliar no processo de construção de identidade de crianças afrodescendentes, para que, ao lerem a história de alguém que se aceitou e superou preconceitos, também se sintam mais fortes na trajetória de construção da sua própria identidade, prontas a superarem preconceitos e construirmos sua trajetória.

## REFERÊNCIAS

ARBOLEYA, V. J. Questões de literatura infantil e afrodescendência: o poder de ação do personagem negro nas áreas de decisão da narrativa. **Revista África e Africanidades**. Ano I, n. 4, fev. 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico- raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. [Brasília]: [s.l.], 2003.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 11. 645, de 10 de março de 2008**. Que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 25 mar. 2015.

GUIMARÃES, G. **A cor da ternura**. 12. ed. São Paulo: FDT, 1998. (Coleção Canto Jovem).

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LIMA, O. S. **O comprometimento etnográfico afrodescendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães**. 2009. 172 f. Tese (Doutorado Letras / Literatura e práticas sociais) – Programa de Pós-graduação em Teorias Literárias e Literaturas, Universidade de Brasília - Instituto de Letras, Brasília – DF, 2009.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 73-102.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 7 - 72.